

A IMAGEM DO NEGRO NO RELATO DE VIAGEM DE ALVISE CADAMOSTO (1455-1456)*

Sílvia Marcus de Souza Correa**

RESUMO

A literatura de viagem oferece à pesquisa histórica uma valiosa fonte documental. Para o caso africano, os relatos de viajantes constituem fontes *sui generis* para a reconstrução da sua história. A descrição de **Viagens à África Negra (1455-1456)**, do veneziano Alvise Cadamosto, é um dos primeiros relatos modernos sobre a costa ocidental africana e suas gentes. Sua importância documental para os estudos etno-históricos deve-se, principalmente, à sua relativa objetividade e imparcialidade. O testemunho de Cadamosto sobre aquele encontro singular entre europeus e africanos constitui uma fonte ímpar para a investigação histórica e etnográfica. Destacar alguns elementos sobre a imagem moderna do negro africano dos meados do século XV é o escopo deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: África Negra; Etno-História; Literatura de Viagem.

* Este artigo foi originalmente apresentado pelo autor, no inverno de 1999, no Seminário de História *Das Bild des Schwarzafrikaners vom Spätmittelalter bis zum Zeitalter des Imperialismus* da Westfälische Wilhelms-Universität Münster. O autor agradece ao Prof. Dr. Hornst Gründer pela leitura crítica do texto e pelos valiosos comentários.

** PhD em Sociologia pela Westfälische Wilhelms-Universität de Münster (Alemanha). Professor do Departamento de História e Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: correa@viavale.com.br.

INTRODUÇÃO À PRESENÇA PORTUGUESA NA ÁFRICA NEGRA

O encontro luso-africano ocorreu sob a égide do pioneirismo de Portugal como nação marítima à época dos descobrimentos europeus. Assim, a vantajosa posição geográfica de Portugal e a existência de uma burguesia mercantil e de uma indústria naval permitiram, entre outros fatores, a realização do Império lusitano. Além disso, os interesses da nobreza portuguesa e da Coroa na expansão marítima foram decisivos. Em sua **Crônica do Descobrimento e da Conquista da Guiné**, Gomes Eanes de Zurara afirma que as primeiras viagens portuguesas de reconhecimento da costa ocidental africana tiveram como objetivos: a) explorar as terras ao sul das Ilhas Canárias; b) estabelecer laços de comércio com seus habitantes; c) obter informações sobre a expansão e a influência muçulmana no interior do continente; d) procurar populações cristãs prontas para auxiliar na luta contra os infiéis; e) expandir o cristianismo (Zurara, 1989, p. 172-173).

Os pontos citados revelam uma forte influência da “reconquista” na expansão marítima portuguesa. Cabe lembrar que o seu maior empreendedor, Infante D. Henrique, era Grão-Mestre da Ordem de Cristo desde 1420, o que revestiu a expansão marítima de um caráter missionário. Em sua obra **Da Ásia**, João de Barros referiu igualmente o caráter religioso do empreendimento lusitano sob a orientação do Infante D. Henrique, cujo interesse em lutar contra os infiéis cresceu depois da tomada de Ceuta em 1415 (Barros, 1989, p. 266). A orientação religiosa do expansionismo português também recebeu legitimação pela bula do Papa Nicolau V, de 08 de janeiro de 1455, que concedeu a D. Afonso V e seus sucessores a conquista, ocupação e apropriação de todas as terras, portos, ilhas e mares da África, desde os cabos do Não e do Bojador até a Guiné, incluindo toda a costa meridional até o seu extremo:

[...] ipsamque conquestam quam a capitibus de Bojador et de Nam usque per totam Guineam et ultra versus illam meridionalem plagam extendi harum serie declaramus etiam ad ipsos Alfonso regem et successores suos ac Infantem et non ad aliquos alios spectasse et pertinuisse ac imperpetuum spectare et pertinere de jure [...] (Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993, p. 63).

Esta legitimação religiosa foi, em 1456, ratificada pela bula **Inter Cetera** do pontífice Calisto III, a qual concedeu à Ordem de Cristo todo o poder e jurisdição espiritual sobre as terras já adquiridas na costa ocidental africana. Apesar do importante sustento ideológico da Igreja romana e, embora Zurara tenha procurado acentuar o aspecto religioso das expedições portuguesas à África ocidental à época do Infante Dom Henrique, é preciso salientar que os portugueses e os espanhóis já tinham conhecimento do ouro sudanês por intermédio dos mouros (Braudel, 1990, p. 137-149). Com a tomada de Ceuta (1415), os portugueses puderam obter maiores informações sobre as rotas comerciais através do Saara.

A busca direta pelo ouro foi, provavelmente, um dos motivos principais dessas primeiras viagens ao litoral atlântico africano. Inclusive, Cadamosto mencionou esse interesse português pelo ouro da Gâmbia, cujo conhecimento da sua existência foi também obtido pelos primeiros escravos negros chegados em Portugal (Cadamosto, 1989, p. 92). Em meados do século XV, o Rio do Ouro já era conhecido dos portugueses, e esse topônimo aparece em manuscritos como, por exemplo, na carta de quitação da receita e despesa referentes aos anos de 1444 e 1445 a Diogo Afonso Malheiros.¹ Na supracitada **Crônica** de Zurara (1448), tem-se o primeiro registro impresso da chegada de Afonso Gonçalves Baldaia ao Rio do Ouro em 1436. Em **Esmeraldo de Situ Orbis**, Duarte Pacheco Pereira ratifica a versão de Zurara sobre a descoberta do Rio do Ouro:

[...] este Rio foy descoberto por Afonso gonsalves baldaya caualeiro do Infante Dom Anrique que foy seu copeyro e por Gillanes. Tambem seu caualeiro e Capitães de seus Nauios que emtom la forom no qual fezeron hum salto em que cautiuarom seis Alarues homens honrrados os quaes se Resgatarom por dez escrauos negros e por hum pouco douro em poo os quaes negros e ouro foy o primeiro que daquellas partes ao Infante Dom Anrique trouerom e por isto poserom nome a este Rio ho Rio do ouro (Carvalho, 1991, p. 253).

Porém, as fontes portuguesas do século XIV e XV oferecem uma série de exemplos sobre a pluriatividade na costa atlântica africana que impede qualquer reducionismo seja de caráter meramente religioso ou econômico

¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chanc. D. Afonso V, L. 34, fl. 162.

por parte dos portugueses e seus colaboradores italianos, flamengos ou ingleses. Gomes Eanes de Zurara, Duarte Pacheco Pereira e João de Barros mencionam os diversos motivos, especialmente comerciais e religiosos, presentes na conquista da Guiné. Assim, a busca do ouro, a captura de nativos e a tentativa de sua cristianização foram práticas simultâneas dos portugueses e de outros europeus a serviço ou com a licença do Infante D. Henrique.

O mercador veneziano, Alvise Cadamosto, foi um desses colaboradores, cuja motivação em viajar para a Guiné não pode ser reduzida ao enriquecimento fácil que a aventura atlântica poderia representar. Em várias passagens de seu relato, têm-se provas da impossibilidade de minimizar a motivação desses aventureiros à busca do ouro ou ao comércio de escravos. Apesar de ser explícita a procura do ouro, ela não é a única razão para a incursão cada vez mais longe e perigosa, tal como foi o caso da partida de Cadamosto após uma curta estada no reino wolof de Cayor: *Motivado pelo desejo de encontrar este ouro, e também pela curiosidade de ver coisas novas, eu deixei o reino de Budomel* (Cadamosto, 1994, p. 92). Em outra passagem do seu relato, Cadamosto confirma ambas motivações de sua viagem à Guiné: *Eu ia a estes mercados para ver alguma novidade, mas também para comprar ouro, em caso de havê-lo* (Cadamosto, 1994, p. 88).

Pode-se inferir que a cupidez pelo ouro sudanês e por outras mercadorias atraísse os colaboradores estrangeiros, embora a curiosidade dos aventureiros fosse igualmente real tal como o ensejo religioso, principalmente por parte dos portugueses, em expandir o cristianismo. A luta contra os infiéis passava, então, do cenário ibérico para o africano.

Para ambos, portugueses e estrangeiros colaboradores, a costa atlântica africana continha muitas riquezas, porém riscos. Muitos deles encontraram nela a morte, tal como muitos espanhóis na América. João de Barros refere-se, inclusive, à participação de um nobre dinamarquês, Balarte, numa expedição de 1445, da qual ele não regressou (Barros, 1989, p. 307). Com final menos dramático, pode-se citar o mercador inglês, Guilherme Cantis, que recebeu uma carta de seguro para navegar e fazer trato nos portos do Reino em 1450.²

Havia, no entanto, aqueles que se aventuravam pelas terras da Guiné sem o consentimento do Infante. Este foi o caso do comerciante flamengo

² Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chanc. D. Afonso V, L. 34, fl. 76.

Dela fosse que, a bordo de um navio espanhol, ultrapassou o Bojador. Capturado pelos portugueses, foi enviado para Lisboa, onde recebeu a sentença de morte (Dela fosse, 1992).

Mas, dos viajantes estrangeiros, foram os italianos que mais mencionaram o ouro sudanês, permitindo inferir uma hierarquia dos interesses pela África negra. Na carta do genovês Antoniotto Usodimare aos seus credores, de 12 de dezembro de 1455, há referência aos rios auríferos da Gâmbia: *E cheguei aonde nunca qualquer cristão chegara, a mais de DCCC milhas; e encontrado o rio da Gâmbia, que tem uma boca larguíssima, entrei nele sabendo que nesta região se colhe ouro e malagueta* (Dinis, 1960, p. 189-193).

Apesar da ênfase religiosa da história oficial, na qual as obras de Zurara e de João de Barros se filiam, os interesses econômicos foram decisivos para o empreendimento lusitano na costa ocidental da África. Se os motivos mencionados pela historiografia oficial para aquelas viagens ao sul das Canárias são válidos, cabe ainda considerar o tráfico de escravos como motivo daquelas expedições costeiras.³ O próprio cronista Zurara afirma, em 1448, que 927 almas foram trazidas ao reino depois do começo da conquista da Guiné. Já o veneziano Cadamosto oferece um número mais alarmante, ao afirmar que entre 800 e 1000 escravos chegavam anualmente a Portugal por meio dos interpostos comerciais portugueses em Arguim (Cadamosto, 1994, p. 49). Cabe lembrar que o Infante D. Henrique havia proposto um tratado aos árabes dessa região para um exclusivismo comercial durante dez anos. Ainda conforme o relato de Cadamosto, pelas mercadorias dos portugueses no golfo de Arguim, os árabes ofereciam escravos, que eles traziam das terras dos negros, e ouro em pó (Cadamosto, 1994, p. 48).

Também a carta do infante D. Henrique aos regedores de Sevilha, datada aos 22 de setembro de 1452, pela qual se queixa do roubo feito de uma caravela que vinha da Guiné, permite inferir a importância do comércio de escravos africanos:

El señor ynfante don Enrrique de Portogal mi señor me mando que por vertud de su letra de qrença sendo que vos eu dixese a vuestra merced de su

³ Devido à demanda portuguesa pelas mercadorias tradicionais (ouro e escravos) do comércio transaariano, foi estabelecida uma nova rota comercial do interior da África à costa atlântica. Esta nova rota (horizontal) surgiu como alternativa àquela tradicional (vertical) que ligava o Magreb ao Sudão (Ki-Zerbo; Niane, 1991, p. 199).

parte commo certos vesinos desta cibdad e de Moguem e Palos que andavan pescando en lo mar do Meyo e robaron por guerra una caravela suya que venia de Guinea con sesenta e seys esclavos negros e negras e los repartiron entre sy e copo a los de aqui de Sevilha treynta e coatro en lo qual dise que los dichos pescadores quebrantaron los capitulos de la paas de los señores reyes e deve ser fecha justicia dellos o tal dicho señor Infante restetuydos los dichos esclavos al por quen los concejos de Moguem e Palos luego que por el dicho señor Infante fueren requeridos rrestituyr los dichos treynta e quatro esclavos que vuestros vesíños ouvyeron e mandedes faser justicia delles lo que de derecho se requiere en otra manera protesta de faser represaria por otra caçom o por sua valia en o que los quales vesíños desta cibdad que pudiere aver-lo o qual el mucho queria escusar por adeciom [?] e complaser a esta cibdad e a la merced de vos otros segund sienpre lo ha fecho e feese en las cosas complidoras a los maiores della. Ahum desto señores pido a vuestro escrivano que me de dello fe e testimonyo (Instituto de Investigação Científica Tropical, 1993, p. 36-37).

O trato dos negros da Guiné foi mencionado igualmente por Antoniotto Usodimare em sua carta de 12 de dezembro de 1455:

E eu, vendo que não nos queriam receber, vi-me obrigado a regressar, e a cerca de LXX léguas daí um nobre senhor negro deu-me XXXX escravos e alguns dentes de elefante, papagaios e um pouco de almíscar, em troca de alguns panos que lhe apresentámos. E conhecido o meu desejo, mandou comigo ao Senhor Rei de Portugal um secretário seu com alguns escravos (Dinis, 1960, v. XII, p. 189-193).

Embora o comércio de escravos tenha se intensificado na segunda metade do século XV, as viagens de Cadamosto à África negra ocorrem sob a orientação de uma nova política externa portuguesa.⁴ Esta pode ser percebida já no relato de Diogo Gomes (1448), no qual é mencionada a ordem do Infante Dom Henrique de procurar estabelecer alianças com aquelas populações - ao invés do confronto bélico - a fim de fazer comércio e de mostrar-

⁴ A primeira fase da conquista portuguesa da África foi marcada por rusgas e pilhagens. A violência desta fase pode ser percebida através do relato de Zurara (1994).

lhes o caminho da fé cristã (Gomes, 1951, p. 24). É mister salientar que as viagens à África negra dos genoveses Antoniotto Usodimare e António Noli e do veneziano Alvise Cadamosto ocorreram em uma fase intermediária da expansão marítima portuguesa, à qual os italianos deram um grande impulso com o seu apoio financeiro e técnico e com suas experiências comerciais e náuticas.⁵

A presença de portugueses e de seus colaboradores na costa ocidental da África foi tão expressiva nesses meados do século XV que, a partir de 1460, a instalação destes nas costas da Guiné foi responsável pela alteração de uma parte do comércio do Saara, especialmente do ouro e de escravos (Braudel, 1990, p. 220).

ALGUMAS FONTES SOBRE A GUINÉ DO SÉCULO XV

Em línguas neolatinas, as fontes manuscritas mais antigas para o estudo da costa atlântica da África setentrional são portuguesas. No Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga (CEHCA), de Lisboa, encontram-se importantes documentos relativos às possessões ultramarinas das chancelarias dos reis D. Afonso V, D. João II, D. Manuel, D. João III, D. Felipe II e D. João IV. A **Monumenta Missionaria Africana**, organizada pelo Padre António Brásio, constitui um conjunto de fontes de suma importância para os estudos da Guiné, especialmente as séries I e II. Também a **Monumenta Henricina** (1960), coleção documental organizada por Dias Dinis, se constitui em obra imprescindível para os estudos da Guiné e suas gentes à época da chegada dos portugueses. A publicação em dois volumes intitulada **Portugaliae Monumenta Africana** (1993), do Instituto de Investigação Científica Tropical, com apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Imprensa Nacional e Casa da Moeda, oferece uma série importante de documentos manuscritos do quatrocentos.

Para a Guiné, a primeira fonte impressa que refere a historiografia é a de Gomes Eanes de Zurara, cuja primeira edição de sua **Crónica dos feitos da Guiné** data de 1481. Cabe mencionar que grande parte das fontes usadas pelo cronista provém de testemunhas oculares da conquista da Guiné. A **Crônica** de Zurara foi redigida a partir de relatos de marinheiros e soldados

⁵ Para a contribuição italiana à expansão marítima portuguesa, ver os seguintes artigos: Po (1940), Verlinden (1958), Peloso (1988) e d'Arienzo (1991).

que ultrapassaram o Cabo do Bojador entre 1433 e 1448. Ela contém importantes informações biográficas sobre o Infante Dom Henrique e históricas sobre os primeiros contatos dos europeus com os habitantes das Canárias, com os mouros do Saara e com os negros da chamada Guiné. **De prima inventione Guinee**, do português Diogo Gomes, também faz parte deste inventário documental. Outro documento importante para o século XV é **Navegações** (1455-1456), do veneziano Alvise Ca'da Mosto, publicado pela primeira vez em 1507 e que será a base deste estudo sobre a imagem do negro. Outras fontes impressas alusivas à Guiné do século XV são os livros **Esmeraldo de Situ Orbis**, de Duarte Pacheco Pereira, **Descrição da costa ocidental da África**, de Valentim Fernandes, e **Ásia**, de João de Barros. Ainda para o século XV, há textos publicados por José Gonçalves e Paul Teyssier sobre os wolofs, além da narrativa anônima, intitulada **Relación y breve suma de las cosas del Reyno del Gran Fulo y sucesso del Rey Lamba, que oy es cristiano, por la misericordia de Dios, cujas noticias carecen de toda duda**, cujo original se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa.

O RELATO DE VIAGEM COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA

A crítica interna ao documento histórico é um requisito para a sua adequada compreensão. Dotar o texto do seu contexto também constitui uma *conditio sine qua non* para a análise histórica dos relatos de viagem. A descrição da África negra de Cadamosto apresenta alguns problemas para a historiografia. Um primeiro ponto a considerar é a questão da originalidade do texto e sua tradução. Há quatro versões desse relato de viagem.⁶ Duas delas não são firmadas. Trata-se de manuscritos que se encontram na Biblioteca Marciana, em Veneza. Um dos documentos é datado (metade do século XV) e o outro foi provavelmente escrito nas primeiras décadas do século XVI. Ao longo do século XVI, surgiram duas edições: a chamada *vicentina* de Fracanzio da Montalboddo (1507) e a chamada *ramusiana* de Giovanni Battista Ramusio (1517,1521). Ambas edições são coletâneas de vários relatos de viagem, por meio das quais o texto de Cadamosto tornou-se famoso. Outras edições, em latim, foram publicadas, posteriormente, em várias cidades euro-

⁶ Para uma análise mais detalhada e completa sobre os manuscritos concernentes à viagem de Cadamosto, ver Mauro (1991).

péias: Milão (1508), Paris e Basiléia (1532). Porém outras publicações, em flamengo (Antuérpia, 1556) e em francês (Lyon, 1556), foram realizadas ao longo do século XVI.⁷

As publicações posteriores de **Viagens à África Negra (1455-1456)** foram alteradas ao longo do tempo. Embora se deva reconhecer a ocorrência de um refinamento do estilo literário do texto original, alterou-se não apenas a ortografia e a sintaxe, como foi modificado, às vezes, o conteúdo do texto. Esta modificação foi obra dos editores, ávidos em ampliar o público leitor. Assim, a literatura de viagem, antes circunscrita ao leitor especializado (cartógrafos *et alii*), logrou também o interesse da burguesia. As edições em italiano e em francês são exemplos dessa política editorial, uma vez que a língua latina limitava a leitura para fora dos círculos intelectual e científico. A divisão em vários capítulos do relato de Cadamosto é outro exemplo da sua manipulação a fim de torná-lo mais atraente e de aumentar o seu público leitor, como argumenta Verrier (In: Cadamosto, 1994, p. 205).

Além da modificação do texto, outro problema que apresenta o relato de Cadamosto é a questão da objetividade.⁸ As informações sobre a África negra foram recolhidas por meio de dois diferentes métodos (pelo testemunho ocular do autor e por relatos de terceiros). Embora as informações recolhidas por Cadamosto junto aos escravos negros em Portugal, aos marinheiros portugueses e comerciantes italianos tenham servido, especialmente, para complementar ou para ratificar as suas anotações baseadas em sua própria experiência empírica, o método do *ouvir-dizer* implica em problemas de plausibilidade e de probabilidade. Mas o mercador veneziano deu provas de cautela e procurou manter uma certa distância do senso-comum. Cadamosto distingue, por exemplo, aquelas conclusões obtidas pela própria experiência subjetiva daquelas pela tradição oral ou escrita. Ao especular sobre os rios Senegal e Nilo, Cadamosto evita, usando a expressão *se diz*, a apropriação sem crítica do conhecimento medieval (Cadamosto, 1994, p. 61). Este distanciamento pode ser também interpretado como aquele entre a sua visão moderna e a medieval cristã.

Outro aspecto a ser considerado é a tardia execução do texto de **Viagens**, escrito quase dez anos depois de sua estada *in loco*. Embora o autor

⁷ Para o problema das fontes do relato de viagem de Cadamosto, ver também as notas bibliográficas de Frédérique Verrier (In: Cadamosto, 1994, p. 203-208).

⁸ Para uma análise aprofundada sobre os informantes de Cadamosto, ver Laurent du Tertre (1988).

tenha prometido ao seu leitor escrever apenas a verdade, ele mesmo reconheceu a desvantagem de basear sua descrição em lembranças remotas:

Enquanto minha memória permitir, percorrerei com a pluma estas lembranças do que eu vi e vivi. Estas, se não foram ordenadas com o rigor esperado, terão ao menos o mérito de ser integralmente verdadeiras, pois prefiro dizer pouco em verdade ao invés de muito em contrário (Cadamosto, 1989, p. 51).

Apesar da sua opção metodológica, deve ser levada em consideração a distância temporal entre sua estadia e a escrita do texto. Esta distância limita a exatidão da sua memória, sendo responsável pelo caráter seletivo e sintético do texto, bem como pela forte subjetividade e imprecisão de certos detalhes presentes no seu relato. Um exemplo da dificuldade de Cadamosto em reconstruir *a posteriori* os detalhes de suas viagens pela África ocidental é a confusão de certos nomes topográficos e a vaga cronologia da sua descrição.⁹

A fim de reduzir a subjetividade do relato de viagem como fonte para a historiografia, é necessário fazer um estudo comparativo com outras descrições contemporâneas ao relato em questão. Assim, o tratado **De Prima Inventione Guinee** de Diogo Gomes, a **Crônica da Guiné** de Gomes E. de Zurara, **Esmeraldo de Situ Orbis** de Duarte Pacheco Pereira e a **Descrição da costa ocidental da África** de Valentim Fernandes são algumas obras auxiliares importantes para garantir a objetividade da descrição de Cadamosto sobre a África negra.¹⁰

O presente artigo baseia-se em duas edições das **Viagens à África Negra (1455-1456)**. A edição alemã (1989) foi elaborada por Rudolf Kroboth com base na tradução alemã de 1508, enquanto que a edição francesa (1994) foi preparada por Frédérique Verrier segundo a edição *ramusiana* de 1556. As passagens citadas neste artigo foram extraídas da edição alemã. Somente quando certas passagens suscitaram dúvidas ou foram omitidas na versão alemã optou-se pela edição francesa.

⁹ Um exemplo dessa inexactidão cronológica em seu relato é a data fornecida para o povoamento das ilhas de Porto Santo e Madeira. Embora este povoamento seja muito anterior a suas viagens pelo Atlântico, o equívoco em relação à cronologia de acontecimentos alheios à sua viagem pode igualmente ocorrer no que tange ao relato de suas próprias experiências.

¹⁰ Outras referências históricas importantes sobre a Guiné são: os relatos das navegações do português Pedro de Sintra (1460) e do comerciante flamengo Eustache Delafosse (1479-1481) e, sobretudo, o **Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde** (1594), de André Alvares de Almada. As informações etnográficas deste último permitem um estudo comparativo com o relato de Alvise Cadamosto. A origem mestiça do autor do **Tratado** e sua experiência local garantem uma intimidade maior com aquela realidade, o que permite corrigir certos comentários imprecisos da descrição do veneziano.

DADOS BIOGRÁFICOS DE ALVISE CADAMOSTO

A data de nascimento de Alvise Cadamosto é incerta: 1426, 1428 ou 1432. Sua origem social era a aristocracia veneziana, porém a difícil situação financeira em que se encontrava sua família e outros aspectos sociais e psicológicos da sua biografia permitem inferir os motivos de suas aventuras marítimas. Como observa Laurent du Tertre, os riscos de suas viagens eram menores do que os de descender socialmente (Laurent du Tertre, 1988, p. 25).

Frente ao perigo de desclassificação social, Alvise Cadamosto se engajou como adido comercial do seu primo, Andrea Barbarigo, para viagens ao norte da África, pois o comércio com Alexandria era fonte de riqueza de muitos comerciantes venezianos. Mas a tomada de Constantinopla (1453) pelos otomanos afetou o próspero comércio daquela república italiana do Adriático. Desse modo, a situação da sua família (fator interno) e a de Constantinopla (fator externo) são fatores que permitem compreender a trajetória de Alvise Cadamosto.¹¹ Como ele mesmo afirmou em seu relato de viagem:

Meus pensamentos e aspirações eram naquele momento unicamente direcionados para conseguir de qualquer modo correr o mundo com o fito não apenas de enriquecer, mas também de recolher conhecimento e experiências que poderiam, posteriormente, trazer-me fama e honra (Cadamosto, 1989, p. 55).

Devido ao recuo da posição comercial de Veneza causado pelo bloqueio turco aos produtos do Oriente via Constantinopla, Cadamosto empreendeu uma viagem de negócios ao Ocidente. A caminho para Bruges, durante sua escala em Cabo São Vicente, o jovem veneziano recebeu uma proposta tentadora do Infante Dom Henrique para uma expedição ao sul das Ilhas Canárias.¹² A promessa de lucro fácil motivou Cadamosto àquelas terras, até então pouco conhecidas.¹³

¹¹ Ambos aspectos (interno e externo) podem ser vistos como, respectivamente, as forças centrífugas e centrípetas da sua viagem ao continente negro.

¹² Cadamosto escreve sobre o orgulho de Dom Henrique pelo engajamento de um veneziano em sua expedição, pois ele considerava os italianos experientes comerciantes de especiarias. O testemunho desse veneziano é uma prova dos interesses portugueses em um possível comércio com produtos africanos enquanto alternativa àquele com mercadorias asiáticas, encarecidas com a presença turca no Mediterrâneo oriental.

¹³ Cadamosto informa que a viagem à costa atlântica africana prometia um lucro estimado entre seis a dez vezes superior ao investimento nesse empreendimento (Cadamosto, 1989, p. 57).

Em 1455, Cadamosto embarcou na caravela de Vicente Dias rumo à África ocidental. Depois de escalas em Porto Santo, Madeira e Ilhas Canárias, a expedição portuguesa percorreu a costa senegalesa, o Cabo Verde e a Gâmbia. Sua segunda viagem (1456) teve como objetivo principal retomar os trabalhos de reconhecimento da última região africana visitada (Gâmbia). Rumo ao Cabo Branco foi descoberto o arquipélago de Cabo Verde, descoberta esta igualmente reclamada por Diogo Gomes e Antonio Noli. Depois, a expedição alcançou as Ilhas Bissau, de onde retornou a Portugal.

Embora Cadamosto tenha se proclamado o primeiro veneziano a cruzar o estreito de Gibraltar e a chegar à África negra, outros italianos já haviam navegado rumo ao Atlântico como, por exemplo, os irmãos Vivaldi (1281), Niccoloso da Recco e Angelino Corbizzi (1341). Aliás, o próprio Alvise mencionou em seu relato de viagem um estranho genovês, cuja estada nas terras do rei Budomel lhe antecedeu em um ano.¹⁴

A partir da trajetória de vida de Alvise Cadamosto, pode-se ainda conjecturar sobre os motivos da publicação de suas viagens à África ocidental. Nota-se que, quando escreveu o relato, ele era um homem experiente e rico, diferente daquele jovem e pobre rapaz que se aventurou por terras incógnitas. Sua ascensão social foi, em parte, responsável pelo seu interesse na edição do seu relato de viagem. Desse modo, se sua riqueza foi atribuída à viagem à África negra, seu prestígio foi adquirido pelo relato.

A IMAGEM EUROPÉIA DO NEGRO AFRICANO

Entre os séculos V e XV, as referências históricas ao negro baseavam-se unicamente na tradição bíblica e em alguns textos da Antiguidade greco-romana. Porém, o comércio mediterrânico com o Oriente Próximo, via Alexandria, e com o norte da África, via Trípoli, permitiu aos europeus obter informações indiretas sobre as populações do interior da África. Os reinos da Península Ibérica obtiveram, por meio dos muçulmanos, importantes informações sobre a África negra ao longo da Idade Média. A experiência empírica européia com as populações negras africanas foi, todavia, intensificada com a expansão ultramarina, particularmente portuguesa.

¹⁴ Além dos italianos mencionados, outros viajantes como os portugueses Vaz Teixeira (Madeira 1418), Diogo da Silva (Açores 1427), Nuno Tristão (Rio de Oro 1436, Cabo Branco 1441), Dinis Dias (Guiné 1444) e Antonio Fernandes (Sierra Leoa 1446) antecederam o veneziano Cadamosto.

Apesar das rotas comerciais, que ligavam a Europa ao Oriente e ao Oriente-Próximo, terem já contribuído para o encontro de diversas culturas, religiões e etnias, a imagem do *out-group* era tolhida pelo etnocentrismo do observador. Desse modo, os costumes, a religião e as características físicas da cristandade européia constituíam os referenciais axiológicos dos comerciantes e viajantes europeus. Chineses, turcos, mouros e outros eram descritos pelas suas discrepâncias do arbítrio cultural europeu.

No que concerne à imagem do negro, esta foi percebida de forma original por Cadamosto. Sua visão é fundamentalmente moderna. Ela difere da imagem medieval e tampouco se orienta pela tradição bíblica ou pelos clássicos antigos como Heródoto, Ptolomeu e Plínio. As fantasias, as lendas e as imagens mitológicas, presentes nas cartografias e nas descrições clássicas e medievais, não aparecem no seu relato de viagem.¹⁵ Se a **Crônica** de Zurara antecede o relato cadamostiano, ela ainda está presa aos cânones medievais. O sucessor de Fernão Lopes como guarda-mor na Torre do Tombo cita em sua **Crônica** autores clássicos da antiguidade como Heródoto, Homero, Hesíodo, Aristóteles, Tito Lívio, Cícero, Plínio, Josefo, Ptolomeu *et alii* e os autores medievais como o astrônomo árabe Alfagran e os filósofos Alberto Magno e Tomás de Aquino, além dos pensadores ibéricos como Isidoro de Sevilha e Rodrigo de Toledo e, obviamente, a Bíblia, especialmente os livros salomônicos. Mas Cadamosto rompe com essa tradição. Descreve o que viu e ouviu (e o que se lembrou) sem apelar para os clássicos e para os medievais que nunca estiveram para além do Bojador. Por isso, o relato de Cadamosto pode ser considerado a primeira fonte moderna sobre o negro africano.

Ao contrário dos expoentes portugueses como Duarte Pacheco Pereira ou João de Barros, Cadamosto evitou termos depreciativos para a construção imagética do negro africano. Fazendo alusão aos negros da Guiné, Duarte Pacheco Pereira afirmou que *esta jente toda he visiosa de pouca paz huns com os outros e som muito grande ladroess e mintirosos que nunca falom uerdade e grandes bebados e muito ingratos que bem que lhe fasom nom agradezem e muito desauerganhados que nunca deixom de pedir* (Carvalho, 1991, p. 264). João de Barros escreveu, por sua vez, que [...] *sem achar mais que negros bárbaros como os de Guiné, vizinhos de Portugal* (Barros, 1982, v. 1, p. 22).

¹⁵ A tradição literária medieval, em cujos textos pululam faunos e outras representações mitológicas, é ainda marcante no **Esmeraldo de situ orbis**, escrito, cerca de meio século depois do relato de Cadamosto, por Duarte Pacheco Pereira.

A imagem de Cadamosto sobre os negros é menos generalista. Sua descrição contém aspectos políticos, socioeconômicos e culturais de várias populações da costa ocidental africana, com as quais ele se deparou. A imagem do negro mantém sua polissemia graças à observação atenta de Cadamosto ao grupo étnico, ao gênero, à religião e à origem social de seus interlocutores. Mediante uma perspectiva etnográfica *avant la lettre*, os comentários de Cadamosto oferecem informações importantes sobre os grupos wolof, tekrur e sererê, entre outras etnias do atual Senegal.¹⁶

Assim como a maioria dos informantes europeus do século XV, Cadamosto aborda igualmente os aspectos físicos da Guiné, o trato de escravos, de cavalos, o potencial militar de seus reinos e as riquezas daquelas terras; porém, sua particularidade repousa na observação acurada sobre a antropologia africana. Para uma melhor compreensão da imagem do negro por Cadamosto, os tópicos a seguir têm por fito exemplificar suas observações, bem como oferecer dados aos respectivos comentários.

CORPOS (DES)COBERTOS

Para Cadamosto, a diferença entre as populações brancas e negras não repousava essencialmente em um aspecto físico, mas sim cultural. Um exemplo dessa sua orientação mais próxima à antropologia cultural que à física é sua observação sobre a vestimenta. Em termos etnográficos, a sua interpretação da pintura dos corpos entre os habitantes das Ilhas Canárias pode ser entendida como uma forma de explicar a diferença cultural sem julgá-la.

Os habitantes das Canárias pintam seus corpos com uma pasta de origem vegetal nas cores verde, vermelho e amarelo. Eles consideram essa pintura uma bela coisa e a estimam mais do que nós o branco de nossas mais belas roupas (Cadamosto, 1989, p. 70).

A versão francesa de **Viagens** oferece uma outra interpretação para essa primeira passagem, onde Cadamosto aplica seu método comparativo.

¹⁶ Segundo os dados da Divisão de Estatística de Dakar (1988), a representação em números absolutos e percentuais dos três grupos étnicos mencionados na população geral do Senegal é a seguinte: 2.890.402 (42,7%) Wolof, 631.892 (9,3%) Toucouleur e 1.009.921 (14,9%) Sererê. Para maiores informações, ver Sotiaux (1996, p. 182-183).

Ao invés das cores (ou seja, a correlação das cores verde, vermelho e amarelo, para os nativos das Canárias, com a cor branca, para os europeus) foi a pintura dos corpos o alvo da comparação com a vestimenta européia: *Homens e mulheres têm o costume de pintar a pele com certo suco de ervas nas cores verde, vermelho e amarelo e eles consideram estas cores por uma bela divisa. Elas são para eles como as nossas vestimentas* (Cadamosto, 1994, p. 43).

Sua sutil observação sobre a vestimenta não é menos precisa àquela sobre a pintura. A roupa como elemento socialmente distintivo entre os africanos foi alvo do seu comentário: *A vestimenta desse povo é mínima. Eles andam praticamente nus à exceção de um tipo de calção feito de pele de cabra, com o qual eles cobrem sua genitália. Ao contrário dos demais, o príncipe e os ricos usam camisolas em algodão* (Cadamosto, 1989, p. 92).

Como uma exceção à sua época, Cadamosto não tomou a vestimenta como um indicador de civilização. Segundo ele, o negro africano andava de pés descalços e, geralmente, não portava nenhuma vestimenta, porque simplesmente fazia muito calor em seu *habitat*. Porém, ele não ignorou fatores religiosos e sociais que influenciavam a vestimenta dos negros africanos. Já na Gâmbia, segundo Cadamosto, os negros vestiam camisolas não porque eles eram mais civilizados que aqueles do Senegal, mas porque simplesmente eles tinham algodão em demasia: *Enquanto que a maioria dos habitantes do Senegal anda nua, os mouros da Gâmbia andam vestidos, pois eles têm algodão em abundância* (Cadamosto, 1989, p. 149).

Embora tenha mencionado a relação da vestimenta na África negra com a sua islamização, o mercador veneziano subestimou tal influência. Na metade do século XV, somente a população negra muçulmana trajava vestimentas em algodão. A maioria da população negra usava apenas um tapa-sexo. A nudez dos africanos não foi, portanto, considerada como algo moralmente ruim como a julgou Ibn Battûta: *Eis, agora, algumas ações reprováveis desta população: as serviçais, as mulheres escravas e as meninas aparecem inteiramente nuas frente aos homens e com as partes sexuais descobertas* (Battûta, 1982, p. 427).

Para Cadamosto, o uso de vestimentas dependia de uma série de fatores regionais, sociais, culturais e religiosos. Os trajes dos negros serviam, no entanto, não apenas para vestir os corpos, mas para os distinguir socialmente. A nudez dos mais pobres ou dos escravos seria, então, uma forma de mostrar aquilo que lhes restava, ou seja, o próprio corpo.

HABITAÇÃO DOS NEGROS

De forma também pragmática foi sua explicação para a simples construção das cabanas na África ocidental. Segundo ele, a habitação precária não era devido à incapacidade intelectual dos habitantes, mas sim aos precários recursos materiais disponíveis: *Sabe-se que este rei governa sobre um povo muito pobre e em seu reino não há nenhuma cidade, apenas vilarejos com suas cabanas de palha. Os homens aqui são incapazes de construir casas porque não há nem argamassa e nem pedras em quantidade suficiente* (Cadamosto, 1989, p. 89).

Se em outros relatos foi mencionada a existência de edificações em certas regiões da África negra como indicador de um certo grau de urbanidade, o veneziano Ca'da Mosto evitou este critério civilizatório, antecipando uma perspectiva epistemológica na qual o cognitivo está vinculado à realidade circundante. O conhecimento de certas técnicas arquitetônicas dependeria, então, das condições materiais para desenvolvê-la. O fato de não haver os meios materiais não significa, portanto, que os africanos não teriam capacidade intelectual para a realização de melhores construções habitacionais.

AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA

Embora as observações de Cadamosto sejam livres de certos preconceitos, não significa que elas não sofram limitações de outra natureza. O curto período da sua estadia talvez seja um fator explicativo para certas avaliações apressadas e equivocadas como, por exemplo, aquelas respectivas à agricultura: *Os nativos são péssimos trabalhadores. Eles não plantam mais do que eles precisam durante o ano. Não lhes vem a idéia de obter uma grande colheita, cujo excedente poderia ser vendido no mercado* (Cadamosto, 1989, p. 110).

A probabilidade de uma grande colheita despertar a cobiça das etnias vizinhas e, por conseguinte, provocar os saques e as rusgas escapou do campo hipotético de Cadamosto. Outro aspecto da agricultura de subsistência que fugiu à sua avaliação concerne à dificuldade de conservação a médio e longo prazo das reservas de grãos. Esta dificuldade em manter os estoques alimentícios é causada especialmente pelo clima, insetos e roedores. Como salientou Gilberto Freyre, ao defender a economia de subsistência nos trópicos:

Se é certo que nos países de clima quente o homem pode viver sem esforço da abundância de produtos espontâneos, convém, por outro lado, não esquecer que igualmente exuberantes são, nesses países, as formas perniciosas de vida vegetal e animal, inimigas de toda cultura agrícola organizada e de todo o trabalho regular e sistemático (Freyre, 1999, p. 16).

Embora o próprio Cadamosto tenha mencionado a provável influência do calor e da seca no malogro da tentativa de introdução do trigo europeu,¹⁷ o fator climático não foi considerado para justificar a agricultura de subsistência. Apesar de ser igualmente mencionada a presença de pragas, como de certos pássaros, a influência desses fatores na agricultura doméstica africana não foi percebida em sua real dimensão.

HÁBITOS ALIMENTARES DOS NATIVOS

Apesar das críticas à agricultura de subsistência africana, a descrição dos hábitos alimentares entre os negros africanos é um exemplo da observação inovadora de Cadamosto. Trata-se de um experimentalismo etnológico *avant la lettre*, pelo qual o viajante veneziano degusta da culinária africana a fim de poder formar um juízo baseado no empirismo e não nos preconceitos culturais e/ou religiosos dos europeus. Ovos de avestruz, vinho de palma, carne de tartaruga e de elefante atestam sua curiosidade, quase científica, pela alimentação local.

Seus comentários sobre a alimentação africana fogem à convenção tradicional, em que os costumes alimentares eram tidos como uma marca distintiva entre povos bárbaros e civilizados. Para a tradição européia cristã, a alimentação acusava não apenas o grau de civilização de cada população (com a domesticação de plantas e animais), como também a sua religião. Desde os primeiros contatos euro-asiáticos e euro-africanos da Idade Moderna, os viajantes cristãos consideravam, por exemplo, o vinho e o pão como indicadores de civilização e, não por último, do cristianismo (Margarido, 1984, p. 540). No entanto, Cadamosto evitou a correlação entre alimentação e grau de civilização para definir um determinado grupo. Embora ele tenha empregado um método comparativo, a neutralidade parece ter sido um critério

¹⁷ A venda de sementes de trigo permite supor uma ação comercial ludibriosa dos portugueses. O malogro do cultivo pode ser atribuído à condição das sementes, e não ao clima e ao excessivo calor.

primordial de suas observações. A alimentação africana foi, por exemplo, apreciada pelo veneziano independente dos parâmetros convencionais europeus. Sua descrição de uma bebida africana mostra o seu juízo extremamente positivo e livre de qualquer orientação religiosa: *Eu mesmo provei desta tal bebida durante a minha estadia neste país e ela pareceu-me melhor que o nosso vinho* (Cadamosto, 1989, p. 107-108).

O seu método comparativo foi válido não apenas para as suas análises qualitativas, mas também para aquelas quantitativas. Em relação a esta segunda forma de análise, sua comparação entre a pecuária dos brancos e a dos negros é meramente descritiva. *Em sua propriedade há gado bovino e caprino, porém não em grande quantidade, pois o país é muito seco. Por isso, os animais são muito pequenos em relação aos nossos [...]. Os touros e as vacas que avistamos neste país são muito pequenos em relação aos nossos* (Cadamosto, 1989, p. 73 e 114).

A tendência à comparação entre as diferentes culturas não se limitou à realidade biológica, cujos fatores determinantes foram relacionados ao meio físico. Cadamosto observou outras diferenças na realidade social, cuja dinâmica lhe pareceu ser regida por leis diversas àquelas naturais.

ORGANIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA ÁFRICA NEGRA

A organização socioeconômica da África negra ocidental foi descrita por Cadamosto em várias passagens do seu relato. Elementos constitutivos dessa organização foram a divisão sexual do trabalho e a poligamia. A descrição de ambos aspectos foi completamente isenta de preconceitos. Em relação à divisão sexual do trabalho, sua comparação com a Europa impossibilitou Cadamosto de entender a diferente função de certas atividades domésticas entre os europeus e africanos. Um exemplo dessa limitação diz respeito à confecção têxtil: *Cabe aqui mencionar que os homens deste país fazem alguns trabalhos de mulher como tecer e lavar roupas* (Cadamosto, 1989, p. 93).

Devido talvez ao fato de ser a tecelagem uma atividade basicamente feminina na Europa do século XV, Cadamosto desviou sua atenção do trabalho têxtil masculino na África negra, cuja importância era, além de econômica, religiosa. Contribuição importante para o estudo comparativo da organização socioeconômica das populações africanas com a dos europeus foram as suas observações sobre a poligamia. Para o viajante veneziano, esta forma

conjugal revelava algo mais do que a simples divisão entre as populações civilizadas e bárbaras. Para Cadamosto, a poligamia não seria um apanágio das sociedades africanas ou muçulmanas. A sociedade européia e cristã também teria, segundo ele, uma *poligamia* informal. Provavelmente, os altos índices de adultério, prostituição e concubinato em Veneza do século XV foram responsáveis pela impressão de *déjà vu* do olhar cadamostiano sobre a poligamia africana. Assim, ele pôde salientar o requisito econômico da poligamia, pois *na África como na Europa a riqueza era a base para o poder e para o prazer: Ao rei é permitido ter tantas mulheres quanto ele deseja. Outros príncipes podem, até mesmo os homens comuns, ter também tantas mulheres quantas eles podem sustentar* (Cadamosto, 1989, p. 90). Este caráter econômico da poligamia também foi salientado pelo mestiço André Alvares d'Almada: *Não tem limitação os negros de quantas mulheres hão de ter; têm-nas segundo sua possibilidade e dote que têm para dar aos pais* (Almada, 1964, p. 35).

HIERARQUIA SOCIAL E PODER POLÍTICO

No fito de melhor entender a organização socioeconômica das sociedades litorâneas da África ocidental, Cadamosto visou uma diferenciação entre os africanos, que poderia redundar na seguinte divisão social: *nobreza* (chefes, guerreiros e sacerdotes), *burguesia* (comerciantes árabes e mouros), *classe média* (camponeses, comerciantes nativos e metalúrgicos e outros artesãos) e *classe baixa* (escravos). Cadamosto foi também atento à estrutura hierárquica entre os wolofs, assim como a horizontal entre os barbacosos e sererês.¹⁸ Nesse sentido, pode-se considerar o relato de Cadamosto como a primeira descrição européia que menciona o acefalismo político de certos grupos africanos.

Estes dois grupos de negros não são súditos do reino de Senegal e nenhum deles tem um rei ou um príncipe. Sem dúvida, há entre eles certas pessoas que, segundo sua descendência ou posição, gozam de uma grande estima e de um grande respeito frente aos demais (Cadamosto, 1989, p. 128).

Uma importante observação de Cadamosto concerne à dimensão do poder dos chefes locais africanos que, em geral, era invisível ao olhar europeu.

¹⁸ Na verdade, barbacosos e sererês formam apenas um grupo étnico. Cadamosto interpretou o nome de um chefe (Bourba Sine) pelo nome de um grupo. (Cf. Verrier In: Cadamosto, 1994, p. 192). No entanto, esta denominação étnica se consolidaria no século XVI, sendo ratificada por André Alvares d'Almada em seu **Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde** (1594).

Cadamosto concentrou seu olhar na expressão simbólica desse poder. Trata-se de prestígio, com o qual pode-se avaliar o poder político das chefarias. Apesar da frugalidade material do poder local, o viajante veneziano pôde perceber que os aspectos simbólicos daquele poder tinham consequências concretas:

Provavelmente, estes homens não são senhores no sentido que eles seriam ricos ou possuísssem tesouros ou dinheiro, pois eles não os têm e tampouco forjam moedas. Mas no que tange ao cerimonial ou ao séquito, pode-se lhes chamar de senhor a justo título, pois eles são sempre acompanhados de uma multidão e eles são temidos e reverenciados pelos seus súditos muito mais do que os nossos. [...] Assim, o prestígio do senhor se mede por três coisas: seu séquito, suas breves aparições e a reverência que, por eles, nutrem os seus súditos (Cadamosto, 1994, p. 75-78).

A forma de governo entre os negros africanos foi também descrita pelo veneziano, sendo criticado o despotismo dos chefes, os quais mantinham seus súditos sob uma situação de terror: *Este povo vive sob o temor e o terror, isto porque o seu príncipe, pelo menor crime que cometa um súdito, apodera-se da(s) mulher(es) e das crianças do criminoso e as vende como escravas (Cadamosto, 1989, p. 105).*

Todavia, a heterogeneidade dos regimes políticos locais não foi abarcada, em sua totalidade e complexidade, pelo viajante veneziano. As suas críticas à natureza e ao exercício do poder na África negra tinham como referência a situação política da república do Adriático e, por conseguinte, elas são marcadas por um eurocentrismo, como, por exemplo, a sua crítica à inconsistência do domínio dos chefes africanos, cujo poder não se baseava nem na hereditariedade e tampouco em alguma forma de eleição¹⁹: *Estes exercem seu poder não baseado pela lei natural, na qual o filho sucede ao pai, mas sim pela lei do mais forte (Cadamosto, 1989, p. 68).*

¹⁹ Este mesmo *background* serve para entender sua crítica às formas de fazer a guerra entre os negros africanos. As estratégias militares e as táticas de guerra dos venezianos, bem como seu equipamento bélico, foram os referenciais para os comentários de Cadamosto. Opinião diferente sobre as armas e as táticas de guerra de vários grupos étnicos africanos se encontra no *Tratado* de Almada. Inclusive, Almada menciona a cavalaria, as armas de ferro e de fogo, que eram praticamente apanágio de guerra europeu à época de Cadamosto. Além desta possível mudança, em termos bélicos, com a intensificação do intercâmbio euro-africano ao longo do século XVI, a larga experiência do afro-lusitano Almada, na região do Cabo Verde e Guiné, lhe permite uma descrição, sobre as estratégias e armas de guerra, mais detalhada do que aquela do seu predecessor italiano.

IDOLATRIA E SINCRETISMO RELIGIOSO

A religião entre os negros africanos e suas conseqüências, no que tange às relações interétnicas, foi também alvo das observações de Cadamosto. É mister salientar que a expansão muçulmana no interior da África era um dos pontos sobre os quais o relatório do veneziano deveria fornecer informações detalhadas ao Infante Dom Henrique. Apesar dessa incumbência, Cadamosto logrou abarcar outros aspectos religiosos de maior envergadura, seja em termos etnográficos ou históricos. O animismo entre os sererês e o islamismo entre os wolofs não foram vistos como indicadores de um *grau inferior* daqueles povos frente aos cristãos, mas sim como fatores pelos quais a história africana poderia ser entendida em sua complexidade. Ao detectar a influência muçulmana circunscrita à corte e o predomínio da religião animista no meio rural, Cadamosto deu prova da sua capacidade de observação frente a uma realidade religiosa completamente diferente do contexto da Europa cristã ainda não cindida pela Reforma.

DEFASAGEM TECNOLÓGICA

Não foram apenas os aspectos econômicos, sociais, políticos e religiosos das sociedades africanas que mereceram a atenção de Cadamosto. O seu acento à defasagem tecnológica foi um outro aspecto que mostra como o domínio técnico interferiu de forma decisiva nas relações interculturais entre africanos e europeus. Fundamental em seu relato é, pois, a constatação de uma defasagem técnica entre o *know-how* europeu e africano. As formas de comércio (baseadas na troca *in natura*) e de fazer a guerra (baseadas na falta de estratégias militares e de armamentos defensivos) dos africanos foram criticadas pelo veneziano, cuja referência mercantil e militar era a potência marítima do Adriático. Para esta disparidade técnica entre europeus e africanos, Cadamosto mencionou alguns exemplos:

[...] os negócios são feitos baseados na troca. Mercadoria por mercadoria. Dinheiro não é habitual nesta região (1989, p. 120).

[...] os homens vão para a guerra sem nenhuma armadura (1989, p. 86).

[...] Como seus corpos são desprotegidos, muitos guerreiros são abatidos no campo de batalha e, por isso, as suas guerras têm sempre muitas baixas (1989, p. 97).

Cabe salientar que estas informações, obtidas ao longo da sua primeira viagem, atendiam aos interesses comerciais e militares do Infante Dom Henrique, a quem o veneziano encontrava-se a serviço. Porém, este pressuposto atraso técnico não significava uma superioridade racial do europeu (branco) sobre o africano (negro). Cadamosto procurou transmitir o seu *know-how* ao invés de tirar proveito do mesmo. A transmissão da técnica de produção da vela com cera de mel (aliás, cera que os africanos consideravam um produto sem grande valia) é um exemplo da intenção desse veneziano em superar ou minimizar tal defasagem entre ambas culturas:

Há muito mel neste país. Para comê-lo, o mel é retirado do favo pelos nativos, mas a cera é posta fora. Eu comprei um pequeno favo e lhes mostrei como se separa o mel da cera. Depois dessa demonstração, eu lhes perguntei se eles sabiam o que se pode fazer com a cera de mel. Eles me responderam que esta não serve para nada. Então, eu fiz uma vela na frente deles e a ascendi. Eles ficaram maravilhados e disseram que nós, cristãos, temos sempre uma resposta para tudo (Cadamosto, 1989, p. 124).²⁰

Apesar da imagem positiva dos europeus frente aos africanos, Alvise Cadamosto procurou minimizar qualquer relação assimétrica. Em alguns casos, porém, a diferença entre a Europa e a África foi irrefutável, e o viajante veneziano não deixou de destacar quando esta era favorável à segunda. Cadamosto considerou o continente africano promissor e quiçá mais rico do que o europeu. Segundo o seu relato, pode-se distinguir uma diferença essencial entre as riquezas de ambos continentes: a riqueza européia seria aquela fundada no *artificial* (finos tecidos, palácios luxuosos, objetos artesanais etc.) enquanto a africana seria aquela baseada no natural (peixes em abundância nos seus mares e lagos, madeira em suas ilhas, solo fértil, montanhas e rios auríferos etc.).

Ao distinguir as riquezas européia e africana, respectivamente, como industrial e natural, Cadamosto percebe de forma perspicaz aquilo que seria uma das características mais marcantes do mercantilismo a partir da incipiente divisão internacional do trabalho dos tempos modernos.

²⁰ Este não é o único exemplo do seu anseio em transferência de tecnologia. A passagem sobre um certo instrumento musical, que os nativos consideravam como um verdadeiro pássaro, constituiu-se em um outro exemplo da sua disposição em transmitir seus ensinamentos (Cadamosto, 1989, p. 123).

O NEGRO NA ONTOLOGIA CADAMOSTIANA

Assim como ao continente negro, o relato de Cadamosto mostra-se simpático ao seu habitante. Este foi abarcado em sua essência humana pelo olhar do jovem comerciante veneziano. Significa que o negro africano foi visto sem idealização ou preconceito. Embora a imagem do negro africano tenha sido maculada pelo seu etnocentrismo, Cadamosto logrou tecer uma imagem pluridimensional, que ressalta o caráter contraditório, demasiadamente humano, do negro africano. Assim, o relato de **Viagens** contém observações sobre a capacidade de mentir e enganar do negro africano, como também outros comentários que ressaltam aspectos positivos do seu comportamento: *Eles são, sobretudo, pessoas loquazes. Em geral, eles são também grandes mentirosos e entrujões, apesar da sua cordialidade e amabilidade. Eles têm o coração aberto, principalmente para os estrangeiros* (Cadamosto, 1989, p. 96).

Longe de oferecer uma visão dicotômica do negro africano, o texto de Cadamosto possibilita uma imagem alternativa, ou seja, uma visão fundada em um juízo para além do bem e do mal. Significa que sua representação do negro africano é isenta de qualquer idealização. Inclusive, a construção imagética do *canibal* ou do *bom selvagem*, que pululam nos relatos de viajantes europeus a partir dos finais do século XV, não encontra sustentação no relato de Cadamosto. A avaliação negativa de Cadamosto sobre a África negra ocorreu nos casos em que o seu gosto ou seus negócios sofreram certas restrições. Porém, ela foi geralmente de fundo moral como se pode perceber nas seguintes citações:

Os mouros deste país, homens e mulheres, são extraordinariamente lascivos e libertinos (1989, p. 103).

[...] Os habitantes que vivem aqui são idólatras. Eles não têm nenhuma lei e são extremamente cruéis (1989, p. 128).

[...] Quando nós tomamos conhecimento daquele acontecimento, ficamos atordoados até entender finalmente que os mouros desta região devem ser pessoas cruéis, uma vez que eles matam uma pessoa da sua própria raça. E como eles não seriam ainda mais cruéis se tratasse de um de nós, cristãos? (1989, p. 130).

Apesar dos comentários mencionados acima, Cadamosto foi sensível à beleza negra. A valorização estética do veneziano parece, no entanto, ter uma orientação contrastiva. Este contraste não se relaciona apenas àquele provocado pela comparação do negro com o europeu, mas também àquele resultante da comparação entre povos africanos vizinhos: *Parece-me muito especial, que para além desse rio todas as pessoas tenham a pele muito escura e seus corpos sejam longos, grandes e bem construídos* (Cadamosto, 1989, p. 87).

Quanto à beleza feminina, Cadamosto deu mostra de uma simpatia isenta de qualquer pudor. Embora a sensualidade das africanas tenha sido diabolizada em um dos manuscritos de **Viagens**,²¹ o jovem veneziano não se furtou de afirmar que *as mulheres deste país são muito bonitas e alegres* (Cadamosto, 1989, p. 122). O relato de Cadamosto permite inferir um certo interesse sexual pela mulher africana. Mas se ela não foi vista explicitamente como objeto de desejo sexual, provavelmente ela serviu à cupidez masculina européia. A adolescente *negra e muito bonita*, que Cadamosto recebeu como dama-de-quarto, (Cadamosto, 1994, p. 72) pode ser um exemplo do comércio sexual praticado entre africanos e europeus à época. Apesar dessa questão de gênero, que acusa uma situação desfavorável ao sexo feminino frente ao masculino, Cadamosto procurou ver o homem africano como um igual em potencial. Diferente de Cristóvão Colombo, que percebeu o outro como um súdito, Cadamosto considerou o seu interlocutor mais como um parceiro comercial. Há em seu comportamento frente ao negro africano uma predisposição à relação simétrica, baseada na tolerância. Esta sua atitude comprova-se na tentativa de entender o outro a fim de diminuir o estranhamento provocado pelo choque entre diferentes culturas. Um exemplo dessa postura é sua descrição sobre a visão do outro em relação ao europeu: *O fato de considerar nossos navios como pássaros e peixes ilustra a que ponto nós lhes éramos estranhos* (Cadamosto, 1994, p. 52).

Cadamosto procurou mostrar ao seu leitor que o estranhamento era recíproco. Sua tentativa de relativizar o encontro euro-africano, em que o branco causava tanto espanto quanto o negro, aparece em outra passagem do seu relato: *Sobretudo por causa de nossa cor de pele éramos vistos por esta gente com grande admiração* (Cadamosto, 1989, p. 158).

²¹ A transcrição das **Viagens** por um monge franciscano foi provavelmente alterada. Nesse manuscrito, as danças noturnas foram consideradas como um verdadeiro *sabat* de feiticeiras nuas, cujos corpos negros tentavam seduzir o jovem veneziano (Ver Gasparrini Leporace, 1966, p. 70).

A admiração causada pelo aspecto físico do europeu não permite inferir qualquer complexo de inferioridade ou de superioridade. Como observa Verrier, o relato de Cadamosto tem o mérito de oferecer este primeiro olhar negro sobre o branco. Nesse sentido, a célebre passagem do mercado (em que o branco aparece como uma farsa e uma anormalidade) sugere quase uma inversão do eurocentrismo: *Ao mesmo tempo, eles eram maravilhados pelas minhas roupas como pela minha cor de pele [...] alguns deles pegavam nas minhas mãos e esfregavam-nas com saliva a fim de testar se a minha cor branca era natural ou artificial* (Cadamosto, 1989, p. 120-121).

A anormalidade não era representada apenas pelo fenótipo europeu. Os costumes dos cristãos também pareciam estranhos e quiçá abomináveis para certos africanos. O contato malgrado com uma população local, devido ao fantasma da antropofagia, é um outro exemplo da narrativa cadamostiana, em que o anormal é novamente o cristão:

Ao mesmo tempo deram nos a entender que os habitantes do Senegal são, segundo eles, más pessoas, porque eles têm relações amigáveis com os cristãos e lá todos sabem que os cristãos são antropófagos e por isso eles compram escravos, ou seja, para comê-los (Cadamosto, 1989, p. 138).

Cadamosto considerou o estranhamento não como um obstáculo ao conhecimento de novas terras e novas gentes, mas sim como um instrumento pelo qual o observador pode desvendar uma lógica escamoteada da diferença entre os grupos humanos. Esta lógica poderia, segundo ele, ter um caráter divino:

Por isso Deus, nosso Senhor, proveu neste mundo a cada um segundo as suas necessidades: a nós que vivemos no frio, Ele concedeu a lã para que pudéssemos enfrentar o frio, enquanto que, aos negros, Ele não deu ovelhas, pois estes vivem em um país quente (Cadamosto, 1994, p. 84).

O relato de viagem de Cadamosto sugere uma genealogia comum às populações européias e africanas. Ambas seriam, pois, criaturas para as quais Deus teria repartido as riquezas naturais. Assim, Cadamosto credenciou ao comércio com a África negra uma chance excepcional para o intercâmbio

entre os europeus e africanos. Intercâmbio que levaria à circulação de riquezas e à transferência tecnológica entre os povos.

Mas a visão moderna de Cadamosto contém igualmente uma contradição. A sua antropologia africana não exclui as práticas de captura e trato comercial de negros. Como mercador, o jovem veneziano tinha no comércio de escravos uma alternativa de enriquecimento. Embora o seu relato não trate com detalhes sobre sua participação neste comércio, sabe-se que o seu êxito financeiro – principalmente da sua primeira viagem (1455) à Guiné – repousa na troca de escravos por cavalos, sendo que o alto valor dos eqüinos no Sudão já é aludido por Battûta em sua partida do Mali: *Eu montei um camelo, pois os cavalos são muito caros neste país, sendo que um destes animais vale cem ducados* (Battûta, 1982, p. 428).

O próprio Cadamosto afirmou a taxa de câmbio na Guiné entre nove a catorze escravos por um cavalo. Esta variação, segundo ele, dependia da robustez e da beleza do cavalo (Cadamosto, 1994, p. 89). Em **Esmeraldo de Situ Orbis**, Duarte Pacheco Pereira menciona, no entanto, uma baixa do valor venal dos eqüinos:

[...] do cabo verde dandam som seys leguoa e este porto dandam teem huma barreira vermelha e aquy foy ja boo Resguate de escrauos por caualllos e foy tempo que dauam dez escrauos por hum cauallo de pouca valia e já agora este Resguate he perdido (Carvalho, 1991, p. 270).

Cabe lembrar que, vizinha ao Rio do Ouro, havia a Angra dos Cavalos, onde provavelmente os portugueses fizeram os primeiros tratos com eqüinos. Cadamosto explica, inclusive, que o alto valor dos cavalos na Guiné se dava pela dificuldade de fazê-los chegar do norte africano até o Sudão, através do Saara (Cadamosto, 1994, p. 88). Assim, os europeus puderam, por meio do comércio atlântico, suprir a demanda sudanesa por cavalos. Deve-se ressaltar que a venda de alguns cavalos e outras mercadorias ao rei wolof Budomel rendeu a Cadamosto uma centena de escravos (Cadamosto, 1994, p. 72).²² A escravidão moderna, portanto, atendeu não apenas a interesses de certos europeus como de alguns africanos, em detrimento da liberdade de muitos.

²² Em seu relato, Cadamosto não especifica sua mercadoria. Ele menciona apenas que os seus cavalos eram de Espanha e que os produtos levados eram muito procurados pelos negros. Entre eles, faz referência apenas a cobertas de lã e tecidos de seda mourisca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a fase pioneira da expansão ultramarina lusitana, os marinheiros e comerciantes italianos tiveram uma participação relevante. Entre outros, destaca-se o veneziano Alvise Cadamosto que, a serviço do Infante Dom Henrique, foi um dos primeiros a percorrer a costa ocidental africana. As suas duas viagens (1455-1456) à África negra tiveram conseqüências importantes, no que concerne aos descobrimentos portugueses. Significa que sua missão teve êxito, pois o seu relato forneceu à Coroa portuguesa informações sobre o potencial econômico da chamada Guiné, sobre a influência muçulmana na África negra e sobre as possibilidades de uma expansão física e espiritual dos cristãos na África. Enfim, as viagens à África negra de Cadamosto atingiram os objetivos pessoais do jovem veneziano, bem como os objetivos da Coroa portuguesa.

Outra conseqüência importante da aventura cadamostiana foi o descobrimento do arquipélago de Cabo Verde, que seria posteriormente um ponto estratégico para a Carreira das Índias, devido a sua localidade geográfica.²³ Mas, se as viagens de Cadamosto foram importantes para a expansão européia, o seu relato sobre a costa ocidental da África negra e os seus habitantes constitui um documento ímpar aos estudos científicos sobre a fauna, flora, geografia e etnografia africanas.

Provavelmente o enriquecimento do veneziano Cadamosto deve ser atribuído ao comércio praticado ao longo dessas viagens. Todavia, faltou-lhe o reconhecimento e o prestígio. Estes poderiam ser obtidos à época pela espada ou pela pena. Cadamosto optou pela segunda via a fim de legitimar a sua nova posição social, bem como para reaver o prestígio perdido pela sua família. Assim, a África negra lhe possibilitou riqueza (com a viagem) e prestígio (com o relato). Sua descrição da terra e da gente da costa atlântica africana deve ser vista como um tributo àquela África ainda incólume ao imperialismo europeu.

Apesar da historiografia portuguesa ainda estar presa a um certo chauvinismo no que concerne aos seus descobrimentos ultramarítimos, o relato de Cadamosto representa uma fonte primordial para a nova historiografia africana. As várias informações que ele contém permitem uma

²⁶ Apesar da importância do Cabo Verde à expansão portuguesa rumo ao Oriente, a descoberta desse arquipélago parece não ter tido um significado relevante para Cadamosto. Para o comerciante veneziano não lhe interessava regiões despovoadas, onde não houvesse a possibilidade de intercâmbio cultural e comercial.

nova interpretação histórica sobre os primeiros contatos entre europeus e africanos da costa ocidental. O relato de **Viagens à África negra**, de Alvise Cadamosto, dá uma contribuição importante à historiografia, na medida em que nele é superada a visão dicotômica tradicional sobre os papéis desempenhados por brancos (ativos e civilizados) e negros (passivos e primitivos) na história africana. Longe de qualquer maniqueísmo histórico, o relato de Cadamosto acusa uma complexa situação na África, tecida por interesses diversos e nem sempre conciliáveis entre os grupos nativos e adventícios.

Desse relato deve-se também destacar a sua singularidade narrativa. Ao contrário de Gomes de Zurara e Valentim Fernandes, o veneziano Cadamosto teve como base do seu relato a sua experiência *in loco* e ele não escreve, como os dois primeiros, uma *história oficial*. Além disso, destaca-se o seu estilo moderno, que se afasta daquele representado pela tradição medieval. Os termos de origem árabe e berbere, alguns já assimilados pelo espanhol e pelo português, e outros termos náuticos ou topográficos de origem diversa entram de contrabando no texto, em italiano, de **Viagens**. Esta clandestinidade lexical é uma consequência natural dos próprios contatos interculturais e que acusa a própria modernidade do relato. Mas a modernidade do relato do mercador veneziano não é apenas literária. Ela é também antropológica. Trata-se de uma nova imagem do negro africano que difere daquela, na qual o negro era visto seja como uma representação diabólica ou como descendente de Cam. Essa visão moderna, no entanto, não afastou o italiano da escravidão africana.

Enfim, o relato cadamostiano pode ser considerado como moderno porque se trata também de uma ruptura consciente com os referenciais medievais. A metáfora astrológica permite exemplificar tal assertiva. Até então, era a estrela polar o referencial dos marinheiros europeus. Ao ultrapassar a linha do Equador, Cadamosto observa a constelação austral do Cruzeiro do Sul e não apenas fez seu registro como a teve como referência como quem sabia que, ao ingressar no Hemisfério Sul, entrava na Modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, A. A. **Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde** (1594). Lisboa: [s.n.], 1964.

BARROS, J. de. **Décadas**. Selecção, prefácio e notas de A. Baião. Lisboa: Livraria e Editora Sá da Costa, 1982.

_____. Die Fahrten entlang der Westküste Afrikas und die Entdeckung der Inseln Porto Santo und Madeira und des Cabo Verde. In: PÖGL, G.; KROBOTH, R. (Org.). **Heinrich der Seefahrer oder die Suche nach Indien**. Erdmann Verlag: Darmstadt, 1989, p. 261-313.

BATTÛTA, I. **Voyages III**: Inde, Extrême-Orient, Espagne et Soudan. Paris: La Découverte, 1982.

BRAUDEL, F. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. 9^{ème} édition. Paris: [s.n.], 1990.

CADAMOSTO, A. Reise nach Westafrika. In: PÖGL, G.; KROBOTH, R. (Org.). **Heinrich der Seefahrer oder die Suche nach Indien**. Erdmann Verlag: Darmstadt, 1989.

_____. **Voyages en Afrique Noire**. Tradução e notas de F. Verrier. Paris: Chandeigne; Unesco, 1994.

CARVALHO, J. B. **Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

D'ARIENZO, L. L'influenza culturale italiana alla corte portoghese nell'età delle scoperte. **Mare Liberum**, n. 2, 1991.

DELAFOSSÉ, E. **Voyage d'Eustache Delafosse à la côte de Guinée, au Portugal & en Espagne (1479-1481)**. Prefácio de Th. Monod e transcrição, notas e comentários de D. Escudier. Paris: Chandeigne, 1992.

DINIS, D. (Org.). **Monumenta Henricina**. Coimbra: [s.n.], 1960.

FERNANDES, V. **Description de la côte occidentale d'Afrique (Sénégal au cap Monte)**. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, n. 11, 1951.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GASPARRINI LEPORACE, T. Le navigazioni atlantiche del veneziano Alvise da Mosto. **Il Nuovo Ramusio**. Roma: Instituto Poligrafico dello Stato, v. V, 1966.

GOMES, D. **De la première découverte de la Guinée**. Bissau: [s.n.], 1951.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL. **Portugaliae Monumenta Africana**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, v. I, 1993.

KI-ZERBO, J.; NIANE, D. **Histoire général de l'Afrique IV**: l'Afrique du XII au XVI Siècle. v. IV. Paris: Présence Africaine; Unesco, 1991.

LAURENT DU TERTRE, M. P. **Les navigations atlantiques du Vénitien Alvise da Mosto et la navigation du Portugais Pedro de Sintra, écrites par Alvise da Mosto**. Paris: Université Paris I, 1986.

_____. **Les informateurs d'Alvise da Mosto**. Première et deuxième navigation (1455 et 1456). Lisboa: INIC, 1988.

LOPES, C. **Kaabunké**. Espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa: [s.n.], 1999.

MARGARIDO, A. La vision de l'autre (Africain et Indien d'Amérique) dans la Renaissance portugaise in l'Humanisme portugais et l'Europe. **Actes du XXIIe Colloque International d'Études Humanistes**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 505-555.

MAURO, A. Il Viaggio Raccontato. Le quattro versioni delle Navigazioni di Alvise da Cadamosto. **Mare Liberum**, n. 2, p. 161-176, 1991.

PELOSO, S. **L'esplorazione dell'Africa atlantica in Storie di viaggiatori italiani**. Milão: Electa, 1988.

PO, G. La collaborazione italo-portoghese alle Grandi Esplorazioni Geografiche ed alla cartografia nautica: il contributo di ammiragli, navigatori e cartografi italiani alle Grandi Scoperte Geografiche Portoghesi. In: AA.VV. **Relazioni storiche fra Italia e il Portogallo**. Memorie e Documenti. Roma: Reale Accademia d'Italia, 1940.

SOTIAUX, D. (Org.). **Peuples du Sénégal**. Saint-Maur: Editions Sépia, 1996.

VERLINDEN, Ch. Navigateurs, marchands et colons italiens au service de la découverte et de la colonisation portugaise sous Henri le Navigateur. **Le Moyen Âge**, 64, p. 467-469, 1958.

ZURARA, G. E. de. **Chronique de Guinée**. Paris: Ed. Chandeigne, 1994.

_____. Die Eroberung von Guinea auf Befehl des Infante Don Henrique. In: PÖGL, G.; KROBOTH, R. (Org.). **Heinrich der Seefahrer oder die Suche nach Indien**. Erdmann Verlag, Darmstadt, 1989.

THE IMAGE OF THE NEGRO IN RELATION TO THE VOYAGE OF ALVISE CADAMOSTO (1455-1456 A.D.)

ABSTRACT

Literature of voyages offers a very important source of documentation in historical research. In the case of Africa, the traveller's diary is a sui generis resource for the reconstruction of

its historiography. The description of **Voyages in Black Africa (1455-1456)** by the Venetian Alvise Cadamosto is one of the first relatively modern texts on the west coast of Africa and its peoples. Its documentary importance for ethno-historical studies is due to its relative objectivity and impartiality. Alvise Cadamosto's witnessing of this most singular encounter between Europeans and Africans constitutes an incomparable resource for historical and ethnographical investigation. The aim of this article is to illustrate some of the elements of modern image of the mid-fifteenth century African Negro.